

Maria Silvia de Mesquita Bolguese

O tempo e os medos

A parábola das estátuas pensantes



Blucher

O TEMPO E OS MEDOS

A parábola das estátuas pensantes

Maria Silvia de Mesquita Bolguese

O tempo e os medos: a parábola das estátuas pensantes

© 2017 Maria Sílvia de Mesquita Bolguese

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Figura da capa: iStockphoto

Blücher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bolguese, Maria Sílvia de Mesquita

O tempo e os medos : a parábola das estátuas pensantes / Maria Sílvia de Mesquita Bolguese. -- São Paulo : Blücher, 2017.

304 p. (Série Psicanálise Contemporânea / Flávio Ferraz, coord.)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1140-2

1. Psicanálise 2. Envelhecimento – Aspectos psicológicos 3. Autoestima 4. Sofrimento 5. Idosos - Psicologia

16-1536

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	27
1. Sob a égide do narcisismo	49
2. O “não” tempo da pulsão de morte	95
3. As dores são começo, meio e fim?	139
4. Angústia do real de um corpo que envelhece	187
5. A mulher, a feminilidade e o gênero feminino	231
A parábola das estátuas pensantes	271
Referências	295

1. Sob a égide do narcisismo

O primado da beleza e da juventude eterna

“Precisão

*O que me tranquiliza
é que tudo o que existe,
existe com uma precisão absoluta.
O que for do tamanho de uma cabeça de alfinete
não transborda nem uma fração de milímetro
além do tamanho de uma cabeça de alfinete.
Tudo o que existe é de uma grande exatidão.
Pena é que a maior parte
do que existe com essa exatidão
nos é tecnicamente invisível.
O bom é que a verdade chega a nós
como um sentido secreto das coisas.
Nós terminamos adivinhando, confusos,
a perfeição.”*

Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, 1967

Narcisismo do sujeito

a. O horror de Helena⁵

Inicialmente, tinha horror do formato de meu nariz, que mais parecia uma batata no meio do rosto. Então, comecei com essa preocupação, porque eu parecia ser a única na minha família a ter essa distorção física. Operei meu nariz aos 29 anos e tive duas surpresas a partir de então: lidar com a minha cara nova e, ao mesmo tempo, descobrir que podia fazer o que quisesse com ela, até conseguir me sentir bem. Ainda hoje, tenho dificuldades em saber ou lembrar do meu rosto inteiramente, preciso sempre do espelho para conferir. Mas, toda vez que me olho, examino a minha imagem no espelho e penso “não, ainda não ficou bom...”. Daria muito certo se a gente não envelhecesse, mas por essa pegadinha eu não esperava. Eu pensava em um rosto aos 29, mas, hoje, tenho 62 e as coisas não se encaixam exatamente. É uma pena... Quando você não gosta do seu corpo e do seu rosto, precisa agir, mas dificilmente as coisas saíam como eu esperava. Sabe quando você vai ao cabeleleiro e pede um tipo de penteado ou corte de cabelo? Então, é a mesma coisa. Às vezes ele vai te falar que seu cabelo não pode ficar igual ao da revista. Eu vivi muito

5 *Afrodite*, segundo a mitologia grega, era a deusa do amor e da beleza. Possuía um cinturão que a tornava irresistível. Na disputa pela maçã arremessada por Éris, a deusa da discórdia, Afrodite sai vitoriosa por oferecer a Páris o melhor presente para ganhar sua preferência, em detrimento de suas irmãs Hera e Atena. Afrodite ofereceu *Helena, a mulher mais bela do mundo*, e Páris abriu mão de ser o governante mais poderoso ou o homem mais sábio do mundo como consequência.

essa sensação, de não ter saída... Há muito sofrimento envolvido. Mas continuo tentando. Antes, queria deixar meu rosto mais bonito e, agora, preciso cuidar também das rugas, da velhice. Foi a Madonna quem disse que Deus fez brincadeiras de mau gosto com o corpo da mulher. Mulher velha é o fim da picada... Não suporto gente velha, nem gorda.

Helena, assim a chamarei aqui, me foi encaminhada por uma dermatologista. Mesmo após ter se submetido a sete cirurgias plásticas – cinco no rosto, uma nos seios e outra no abdome –, seguia percorrendo consultórios médicos atrás de sua imagem ideal, de transformações que pudesse fazer em seu corpo e seu rosto. A certa altura de sua longa relação com a paciente, a médica percebeu que havia algo no comportamento de *Helena* a ser melhor observado. Negou-se, assim, a seguir marcando procedimentos, sobretudo os que se destinavam à correção do rosto, sobre os quais a paciente jamais concordava ter alcançado resultado satisfatório.

Assim, recebo *Helena*, visivelmente contrariada por estar diante de uma psicanalista, precedida por um telefonema da dermatologista que me pedia, basicamente, para avaliar a depressão de uma mulher cuja condição psíquica parecia ser frágil, o que acarretara sempre muitos atritos e dificuldades na relação médica/paciente. Compareceu a apenas quatro entrevistas, durante as quais buscava se convencer – e a mim também – de que a insatisfação com sua imagem não tinha relação com qualquer outro aspecto de sua vida. Em grande parte da primeira entrevista, queixou-se da médica, que pensava processar. Algumas de suas falas: “Gastei uma pequena fortuna lá”; “De repente, isso: ‘quero que vá conversar com alguém, vai ser bom pra você’”; “Cara de pau!”; “Devia ter me dado diretamente um atestado de sua incompetência”.

Nas entrevistas que se seguiram, gastou o tempo inteiro para me contar, em detalhes, a sucessão de suas cirurgias plásticas e outras intervenções, sempre finalizando com uma pergunta para mim: “Você não acha que eu tenho razão?”. E acrescentava: “Eu não tenho nada a fazer aqui”. Um sonho de angústia, ocorrido entre a terceira e a última entrevistas, acabou por afastá-la de qualquer possibilidade de se reencontrar, ao menos naquele momento, a partir de uma narrativa sobre si mesma, para além dos achaques que fazia a seu corpo. No sonho, ela se via vagando, perdida. A cada pessoa que encontrava, endereçava a pergunta: “Onde eu estou?”, e as pessoas, invariavelmente, respondiam com outra pergunta: “Para onde você está indo?”. Disse-me, então, na última entrevista, que sabia que havia sonhado porque estava vindo me ver, mas que não tinha mais tempo para isso. Não via problema algum em querer se manter jovem. Preferia viver a vida que restava e não perder tempo pensando sobre o viver. Jamais tive notícias dela depois disso, mas saiu dizendo que procuraria outro médico mais competente e, assim, continuaria sua saga.

No momento, incomoda a falta de simetria no meu rosto. Quem não sabe aplicar botox não devia se meter a fazer. Você percebe? Fica nítido se você examinar as sobrancelhas. Essa foi a polêmica, eu vejo que uma está mais baixa do que a outra... Ela não consegue resolver e acha o quê? O que uma psicanalista poderia fazer com isso?

b. As ancoragens do conflito

A escolha desse fragmento clínico é oportuna e justifica-se, a meu ver, pelos elementos que a própria narrativa evidencia literalmente. Destaco, primeiramente, a relação entre a idade – a passagem do

tempo – e a satisfação ou a insatisfação com os próprios corpo e rosto. Como diz *Helena*, sua busca teria dado certo se o tempo parasse de avançar. O espelho/fotografia de sua imagem se *quebrava* a cada vez que a imagem traía aquilo que, no registro do corpo, escapava de suas tentativas de apropriação. Nos dias de hoje, o conflito expresso por ela de modo *escancarado* não é absolutamente incomum. Chama a atenção seu aprisionamento em um circuito que se repete pela subjugação constante de seu próprio corpo em busca de uma imagem idealizada. Tendo sua autoimagem distorcida e interferida pela busca ou pelo resgate dessa imagem ideal, vive no sem sentido dos efeitos traumáticos inscritos em seu corpo. A agressividade com a qual o agride transborda, ainda, no modo odioso como estabelece suas relações. Apesar disso, é oportuno acrescentar, seu tom de voz era bastante baixo, suas atitudes e comportamentos eram polidos e seu discurso era repleto de “*por favor*”, “*muito obrigada*”, “*não me leve a mal*”, “*não é nada contra você*”.

O cuidado e a preocupação com sua autoimagem eram amplamente disseminados desde seu corpo até sua aparência, sua vestimenta e seu comportamento. Assim como havia alertado a dermatologista, a fragilidade, temperada por uma agressividade velada, apresentava-se com significativa nitidez. Traços histéricos superficiais podiam ser flagrados durante as entrevistas, tendo por função a tentativa de sustentar suas defesas psíquicas. Para além ou aquém das defesas, eu estava diante de uma mulher submetida, cruelmente, a seus movimentos narcisistas mais primários.

A meu ver, a temática do *narcisismo* se impõe. De um lado, como conceito central, pela necessidade de aprofundamento das bases teóricas e metapsicológicas que o constituem; de outro, como elemento fundamental na compreensão das várias modalidades de psicopatologia, especialmente aquelas que se manifestam na complexa e conflitiva relação dos sujeitos com seu corpo e sua imagem.

c. *Para introduzir o narcisismo*

Nesse sentido, tomarei, a seguir, as concepções freudianas acerca do narcisismo (1914/2011). Antes, porém, destaco as questões que entrarão em diálogo com o conceito descrito por Freud: as constantes intervenções corporais, nos dias de hoje, decorrentes de uma necessidade de modelização e modelagem dos corpos (ORY, 2006), sustentam-se em movimentos regidos por algum tipo de simbolização psíquica? Ao contrário do *acting out* presente na histeria, com sua evidente carga simbólica a ser desvelada, a saída psíquica encontrada nesses casos seria, fundamentalmente, a *passagem ao ato*? A ação sobre o corpo, na maioria dos casos brutal e violenta, faria desaparecer as possibilidades de elaboração psíquica e de consequente simbolização?

Destaco, ainda, outros aspectos presentes no fragmento clínico, pois a recusa ou a impossibilidade da paciente em se analisar se insinuam fortemente em seu sonho de “Alice”, revelador de uma circularidade esterilizante e fomentadora de intensa angústia. “Onde eu estou?” e “Para onde você quer ir?” seriam perguntas impossíveis de responder. Do mesmo modo, *Helena* se vê aprisionada em um circuito que se repete cotidianamente em sua vida de vigília. Por meio da ação, necessita intervir em seu corpo para, magicamente, controlar ou até cessar a passagem do tempo, pelas tentativas de reparação e reconstrução, sobretudo de seu rosto.

Birman (2012) alerta, apropriadamente, que, do ponto de vista da clínica, as diferenças de alguns fenômenos nos dias atuais são evidentes, pois, nas patologias adjetivadas como *contemporâneas*, o silêncio simbólico se manifesta, sob o fundo do ruído, pela perturbação produzida no registro do somático, enquanto as formas de simbolização próprias da histeria, por exemplo, delimitam o campo de encenação no nível do corpo erógeno. O autor destaca, nessa

categoria, o estresse físico e psíquico, o pânico e as perturbações psicossomáticas. Acrescento as distorções e as angústias diante da própria imagem, geradoras, inclusive, de ataques impensáveis contra a integridade física dos sujeitos.

O que está em jogo no processo de modelagem e modelização do próprio corpo? Claro está que a impronta cultural e coletiva deve ser levada em conta, mas proponho acompanhar as concepções freudianas acerca da função e das características do narcisismo como traço estruturante do psiquismo, ao mesmo tempo em que buscarei relacionar alguns elementos distintivos do narcisismo a fenômenos, sejam os considerados psicopatológicos ou aqueles que refletem comportamentos mais comuns e gerais. O desvelamento dos movimentos psíquicos concernentes à obsessão pela imagem conduz ao exame das condições presentes em uma cultura que faz coincidir o belo, o jovem e o saudável como expressões quase sinônimas, tornando-as credenciais para o pertencimento social e para a troca amorosa da vida adulta.

No início de *Introdução ao narcisismo* (1914/2011), Freud distingue o conceito de narcisismo descrito por Nacke (1899), compreendido como uma das formas de perversão, daquilo que vem a postular como “o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (p. 15). Apesar disso, a descrição de Nacke não é tomada por Freud ao acaso ou com o intuito de descartá-la. Ao contrário, suas concepções serão consideradas, tanto em relação ao seu caráter patológico quanto à sua condição estruturante das subjetividades. Nacke descreve o narcisismo como a conduta do indivíduo ao tratar o próprio corpo como um objeto sexual, com todos os desdobramentos que isso acarreta em uma relação afetivo-erótica, uma vez que essa relação não deixa de ser tão ambivalente quanto o amor/ódio desenvolvido pelo objeto.

Evidentemente, Freud está interessado na postulação da ideia de um narcisismo primário e estruturante, uma vez que, considerando sua perspectiva econômica para a compreensão da relação entre “patologia” e “normalidade”, os comportamentos perversos ou aberrantes dos sujeitos em relação a si mesmos e a seus corpos não deixam de desvendar as condições universais e inescapáveis dos sujeitos em geral. Movimento comum em suas elaborações teóricas, mais uma vez ele parte de uma noção compreendida no terreno das perversões, visando à sua universalização.

Em outras palavras, o abandono da realidade e o contrainvestimento em si mesmo, característicos do que ele denominava de afecções narcísicas, as psicoses, também estão presentes em graus variados nos indivíduos neuróticos, embora a análise demonstre que, nesses casos, não há ruptura ou suspensão da relação erótica com pessoas e coisas. Na busca de uma compreensão mais profunda, Freud vai se debruçar sobre as condições narcisistas dos povos primitivos e das crianças e no que elas revelam sobre a megalomania e a onipotência de pensamentos, enfim, sobre a magia, postulando a existência de um investimento libidinal do Eu originário.

Embora voltado ao funcionamento mental, não se pode esquecer que as experiências narcisistas, estruturantes ou patológicas estão articuladas à não menos fundamental *presença do corpo na experiência do sujeito*. Como bem destaca Birman (1999), grande parte da comunidade psicanalítica se esqueceu de que o sujeito que sofre tem um corpo no qual está enraizada a experiência da dor. Acrescenta-se a experiência de prazer ou qualquer outra, pois não existe dualidade ou polaridade insuperáveis, apenas um corpo-sujeito propriamente dito, ou, ainda, apenas o Eu. Em outras palavras, a *experiência subjetivada do corpo*.

Do autoerotismo primordial ao narcisismo, ensina Freud, é essencial que haja uma nova ação psíquica, o aparecimento de uma unidade comparável ao Eu. Tomado por Freud como suposição

necessária, o Eu, que não estava presente desde o nascimento, precisa ser desenvolvido. De um corpo, atravessado e fragmentado pelos efeitos dos impulsos autoeróticos, à noção de um Eu narcisista, promovedor da existência do sujeito/objeto amado, Freud destaca, assim, o narcisismo como estruturante da subjetividade, a partir do amor próprio e da preocupação e dos cuidados consigo mesmo, fundamentais para a autopreservação.

E por que Freud veio a estudar e buscar compreender o narcisismo? Qual a via encontrada por ele? Sem dúvida alguma, a partir de suas concepções acerca da sexualidade humana e da importância da compreensão ampliada do erotismo, Freud concebe o corpo erógeno, nascido de sua teoria sobre a sexualidade: sexualidade infantil marcada e conduzida pelas zonas erógenas, bordas ancoradas e sustentadas pelo corpo a partir de suas necessidades, que impulsionam os sujeitos em direção às experiências de satisfação que podem alcançar por meio do outro no mundo. Não será diferente neste texto, pois ele voltará sua atenção, desde o início, para a reflexão sobre o corpo. Entretanto, suas considerações sobre doença orgânica, hipocondria e vida amorosa dos sexos buscam elucidar os modos de circulação pulsional no corpo propriamente. O questionamento ao primeiro dualismo pulsional e os embates que vinha travando no campo da psicanálise, sobretudo com dois de seus discípulos prediletos, Jung e Adler, impulsionavam-no a encontrar respostas.

Não por acaso, o caminho de Freud interessa aqui sobremaneira, pois apenas compreendendo a dimensão estruturante do narcisismo – do amor por si mesmo – será possível desvendar as distorções e os sintomas em torno do corpo e da feroz vigilância que o Eu e o Supereu exercem sobre ele, para muito além da autopreservação um tanto menos complexa de sua primeira tópica. Freud, agora, dará destaque a outro discípulo, Ferenczi, ao mencionar a importância de se compreender, com mais profundidade, a influência exercida pelas doenças orgânicas sobre o fluxo libidinal que circula e atravessa o

corpo, sobrecarregando-o. As mazelas e as dores corporais retiram do sujeito qualquer interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento, mais especificamente, como sugere Birman (2012), à sua dor. A retirada do investimento libidinal no mundo pode atingir até mesmo as relações amorosas. As pessoas cessam de amar enquanto sofrem na literalidade de seu corpo, ou seja, quando sentem dor. Freud afirma que, nestes casos, ocorre uma retração narcísica, na qual há predominância de investimentos libidinais de volta ao Eu.

A obsessão com a manutenção da beleza e da juventude, certamente, remete a uma distorção desse tipo, uma vez que a perseguição doentia de um corpo perfeito se assemelha ao movimento hipocondríaco de tomar conta de um corpo que, perigosamente, pode adoecer, nesse caso tomado como um corpo que, perigosamente, *vai envelhecer*. Trata-se da *dor de envelhecer*. Pode-se sugerir, então, que, quando o envelhecimento é tomado, misturado ou confundido com adoecimento, os sujeitos entram em uma espécie de *cruzada hipocondríaca*, a fim de evitar o envelhecimento/adoecimento.

Incluem-se, nesse movimento, todos os tratamentos e/ou procedimentos médicos/estéticos visando à manutenção da beleza e da juventude. Se, por um lado, pode-se falar em forte represamento da libido no Eu, tomado eroticamente como objeto a ser desejado e venerado, por outro, como se verá no próximo capítulo, os supostos cuidados com o corpo em busca da perfeição cobram um altíssimo preço – não se trata aqui do custo financeiro, certamente também envolvido – pela submissão do sujeito a dores e mazelas decorrentes das múltiplas intervenções no corpo. São também reflexos das negociações psíquicas entre os impulsos eróticos e mortíferos.⁶

6 O conceito de pulsão de morte obriga Freud a reformular sua concepção acerca do funcionamento primário do psiquismo, levando-o a reescrever também sobre angústia e masoquismo. Sua virada na teoria, a partir de 1920, poderá vir em

Se o hipocondríaco retira interesse e libido dos objetos do mundo externo e os concentra no órgão que o ocupa, em última instância, no corpo, é preciso acompanhar Freud quando ele sugere que, embora sem base orgânica, como no caso das doenças tangíveis, algo de fato se passa no corpo, pois a *erogeneidade* pode ser pensada como uma característica geral de todos os órgãos. Na hipocondria, haveria um represamento da libido do Eu. Se um forte egoísmo protegeria do adoecimento, paradoxalmente, ele pode vir a se tornar, ao mesmo tempo, a própria fonte do adoecimento evitado.

“Mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, 1914/2011, p. 29). Embora essa postulação freudiana possa parecer simplista, amar e ser amado são condições fundamentais para a existência do sujeito, uma vez que a circulação libidinal que o amor objetal promove produz homeostase ou cinestesia física e psíquica necessárias para o desenvolvimento e a manutenção da vida. As relações primordiais, parentais, são fundamentais para o homem, menos pela garantia de sobrevivência física, alimentação e proteção, e mais pelas trocas amorosas que inauguram, fortalecendo o Eu narcisista a alcançar a medida do investimento suficiente no mundo externo para a estruturação de uma vida.

Vale acompanhar Freud um pouco mais em sua descrição da relação amorosa entre pais e filhos, na tentativa de desvendar os movimentos narcisistas presentes na tessitura dessas relações. A atitude terna dos pais para com os filhos, diz Freud, seria a revivescência e a reprodução de seu narcisismo abandonado, revelando a superestimação de caráter narcísico, que levam os pais a atribuir à criança todas as perfeições e a ocultar e esquecer os defeitos. Desde a

auxílio da presente reflexão, justamente no exame dessa dimensão mais profunda do psiquismo, ancorada muito mais no real do corpo e em seus movimentos que, essencialmente, na ordem simbólica, como fizera crer sua primeira teoria.

educação na tenra idade, portanto, os sujeitos são levados a renovar as antigas exigências de privilégios dos pais, uma vez que a nova geração, essa sim, deveria, idealmente, passar a viver em melhores condições, superando os limites impostos pela vida, a própria castração. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança. *His majesty the baby*.

As relações amorosas do homem, portanto, representam em si mesmas uma contradição, pois o amor parental não deixa de ser o narcisismo dos pais renascido, que, na sua transformação em amor objetal, revela a natureza de outrora, inclusive no ponto mais delicado do sistema narcísico, segundo Freud, a imortalidade do Eu. Porém, as passagens do sujeito pelas etapas do desenvolvimento psicosssexual até a idade adulta deveriam produzir o arrefecimento de sua megalomania, apagando os traços narcísicos a partir dos quais se poderia acessar o narcisismo infantil. A maciça carga libidinal que outrora investira o próprio Eu toma diversos destinos ao longo da vida,⁷ mas, diz Freud, parte dela se destina à criação de um *ideal* dentro de si, por meio do qual é medido o Eu atual. Armadilha importante construída para ser uma saída desejável, não deixando, contudo, de se colocar como uma contradição difícil de ser superada ao longo da vida.

Para tornar a ideia mais clara: a esse ideal do Eu dirige-se o amor a si mesmo, de que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo é deslocado para esse novo Eu ideal, que, como o infantil, se acha de posse de toda preciosa perfeição. O sujeito não quer se privar da perfeição narcísica da infância; o que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. Contudo, haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica, de modo algum, ter alcançado a sublimação das pulsões, pois a formação do ideal

7 Ver *A pulsão e suas vicissitudes*, de Freud.

aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão e a neurose, para não mencionar as defesas mais primitivas e as saídas patologicamente mais graves, descritas por Freud como *afecções narcísicas*, as psicoses. Vale ressaltar, Freud está, aqui, desenvolvendo suas primeiras noções em direção ao que veio a postular como sendo o Supereu, neste texto ainda denominado “consciência moral”.

O amor próprio, em parte primário, possui uma dependência da libido narcísica. Outra parte se origina da onipotência confirmada ou não pela experiência do cumprimento do ideal do Eu. Em outras palavras, pode-se dizer que, nas psicoses, o amor próprio é aumentado e, nas neuroses, é diminuído; na vida amorosa, não ser amado rebaixa o amor próprio, enquanto ser amado o eleva. Freud ressalta que “ser novamente o próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância, é o que as pessoas desejam e pensam ser a felicidade” (1914/2011, p. 48).

A saga de *Helena* pela manutenção da beleza e da juventude e/ou pela busca de rejuvenescimento e beleza supostamente perdidos se sustenta exatamente nessa movimentação narcisista dos sujeitos em direção ao ideal do Eu. Quanto mais exigentes forem o Eu e o Super-eu, mais obcecada e sintomática será essa busca, levando o sujeito a perder qualquer referência da realidade no que se refere ao exame dos resultados alcançados por todos os procedimentos estéticos adotados. Em lugar de se aperceber da imagem caricatural que seu espelho projeta em virtude dos excessos cometidos, o sujeito enxerga, imaginariamente, sua própria imagem com a parcialidade de seu afetado funcionamento mental. Para o sujeito, a imagem se aproximaria do ideal.

Merecem destaque, ainda, as articulações que sinalizam as possibilidades de desvendamento da trama urdida no tecido social. Freud finaliza o texto dizendo que a compreensão do ideal do Eu e de seus efeitos no funcionamento mental do sujeito permite, também,

refletir sobre a *psicologia da massa*. Em seu aspecto social, o ideal do Eu é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. A insatisfação pelo não cumprimento do ideal libera libido principalmente homossexual,⁸ que se transforma em consciência de culpa ou angústia social. A consciência de culpa foi, originalmente, medo do castigo dos pais ou, mais corretamente, da perda de seu amor; o lugar dos pais que é depois tomado pelos indefinidos grupos sociais aos quais o sujeito pertence.

As questões relativas aos cuidados com a aparência e a imagem corporal expressam movimentos narcisistas primários, pois o esforço de restaurar o corpo, livrando-o das marcas do tempo, é uma tentativa de regressão ao estado no qual o bebê carrega, como diz Freud, a responsabilidade de restaurar o narcisismo dos pais, garantindo, assim, o direito de ser e de continuar a ser amado. A perda de uma imagem valorizada socialmente remete às mesmas ameaças primitivas de desintegração, à angústia primária de morte. Manter-se sob os padrões ditados pela cultura da beleza, da juventude e da saúde, necessariamente assim articulados, é a garantia de pertencimento social, aspecto que será desenvolvido a seguir. Como entender essa submissão?

d. Narcisismo depois de Freud: diálogos possíveis

A construção espiralar do conhecimento, que, na medida em que avança, vai integrando e articulando vários eixos de pensamento, é, para mim, o único modo de produzi-lo. Toda produção teórica deve possibilitar tanto questionamento acerca dos argumentos defendidos, quanto continuidade e desdobramentos de suas proposições.

8 *Libido propriamente homossexual*, certamente, não se refere à orientação sexual dos sujeitos, mas ao fluxo afetivo/libidinal dirigido principalmente a pessoas do mesmo sexo de maneira geral, nas mais variadas formas e laços sociais possíveis.

A maneira como Freud apresenta a *hipocondria* no texto de 1914 é, a meu ver, fundamental. Trata-se de um daqueles pontos da teoria freudiana que deixou aberto um diálogo que necessita prosseguir. Diversos autores pós-freudianos, atravessados pelos modos de manifestação dos sintomas que acedem à clínica contemporânea, identificaram e descreveram diversos tipos de sofrimento psíquico vividos no nível ou no registro do corpo, como: síndrome do pânico, anorexia e bulimia, depressão grave ou endógena e mutilação corporal.

Freud considera a *hipocondria a neurose atual da psicose* (BIRMAN, 2012). Fiel a seus principais pressupostos teóricos, identifica, no modo de funcionamento do hipocondríaco, que as manifestações e as transformações corporais e a maneira como o sujeito se relaciona e age em relação a seu corpo são expressões evidentes de suas condições psíquicas, seus sintomas e suas patologias. Assim como na hipocondria, alerta Birman, o mal-estar do sujeito contemporâneo está centrado nos registros do corpo e da ação, indicando uma ruptura entre os registros do espaço e do tempo. O espaço seria dominante do território psíquico. “Com isso, o corpo assume a forma do somático, materializando-se como volume e profundidade, perdendo qualquer dimensão significante [...] O tempo vai para o espaço na nova cartografia do mal” (BIRMAN, 2012, p. 104-105).

O que se evidencia, aqui, é a marca do traumático, o trauma colocado em questão, pois o mal-estar se apresenta hoje vivido nas insatisfações com o corpo e nas ações não mediadas que buscam apenas o alívio de uma tensão e de uma angústia advindas do real do corpo e impossíveis de serem nomeadas.

Algumas ideias de Lacan, sobretudo aquelas descritas em torno do conceito do *estádio do espelho* (1949), merecem ser consideradas. Suas contribuições residem, principalmente, na ênfase que ele deu à espacialidade como predominante na experiência psíquica nos seus primórdios, remetendo a ordem do tempo a uma etapa posterior.

Partindo da constatação da prematuridade biológica do organismo humano pela *desmielinização* das fibras nervosas, Lacan afirma que a criança estaria entregue a uma experiência de desintegração do ser, corporal e psiquicamente, vivendo um constante medo da morte e da dissolução corporal. Observa, contudo, que algo se passa com o bebê entre oito e dezoito meses de vida, protegendo-o, em certa medida, das sensações primárias aterrorizantes. O bebê alcança e atravessa *o estádio do espelho*, paradoxalmente segundo Lacan, ainda que a maturação neurológica de seu sistema nervoso central não tenha sido alcançada. Este descompasso entre os registros do corpo e os do psiquismo possibilitaria a constituição, pela criança muito pequena, de sua imagem corporal, que em nada se relaciona com a noção de esquema corporal alcançada entre dois e três anos, relacionada à conclusão da maturidade neurológica.

Para Lacan, o psiquismo se torna autônomo em relação ao corpo pela presença da *imagem corporal* própria, constituída a partir de uma experiência especular. Na formação do estádio do espelho, a criança vê uma imagem projetada no espelho, mas esta apenas é confirmada e validada pelo olhar materno, que apresenta para o bebê a imagem projetada como sendo sua própria imagem. Dessa experiência intensamente prazerosa ao bebê, como sugere Lacan, se constituem os mecanismos primários de identificação e, principalmente, o narcisismo. A sensação de fragilidade e fragmentação, tanto corporal quanto psíquica, permanece no fundo primário do psiquismo como registro das experiências mais primitivas, podendo ser revivida como angústia. O terror à desintegração e à morte do corpo evidencia que o psiquismo seria, originalmente, *espacializado*.

Para Lacan, assim como para Freud, pelas relações amorosas parentais, com a emergência da triangulação edípica e a presença da figura paterna, sofisticava-se a mediação psíquica, que se encaminha em direção à ordem simbólica, regida pelo registro do tempo. Somente a partir da entrada do tempo como dimensão reguladora

do funcionamento psíquico relativiza-se a *pregnância* do registro do espaço na construção psíquica originária. Se essa espacialização se guisse dominante, a violência, a agressividade e a criminalidade se imporiam na experiência psíquica e social, pois, quando não encontra possibilidade de descarga pela ação, submete e aprisiona o corpo em um circuito de gozo masoquista ou puramente mortífero.

Justamente por isso, a virada teórica empreendida por Freud nos anos 1920 vai privilegiar a compulsão à repetição e o registro do traumático no aprofundamento de suas noções teóricas e também buscar respostas a uma clínica que passa a ser bastante questionada pelo seu próprio inventor. Em *O mal-estar na civilização* (1929/2010), Freud deixa mais evidentes as condições de existência do homem, condenado a buscar formas de driblar seu mal-estar, seu vazio de existir e seus medos mais primitivos de desaparecer e morrer.

André Green, a meu ver, é o autor que prossegue mais centralmente na trilha aberta por Freud, no embate que trava entre a dimensão primária do psiquismo e as dificuldades insuperáveis da clínica. Apesar de ter assistido, por um longo período, aos seminários de Lacan, acabou dele divergindo, entre outros aspectos, em relação às suas concepções sobre o inconsciente estruturado essencialmente como linguagem. Autor de diversos livros mundialmente reconhecidos, tem como um de seus principais méritos o questionamento consequente da maneira como as diversas *escolas* foram criadas dentro da psicanálise. Deixa de seguir Lacan, recusa o lugar de discípulo, mas se mantém em diálogo com diversos autores, incluindo Bion e Winnicott. Green, já em 1975, em um pronunciamento em Londres no Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA), alertava para o fato de que alguns fenômenos clínicos e questionamentos metapsicológicos permaneciam sendo grandes desafios à psicanálise contemporânea, não sendo possível ou desejável que os psicanalistas continuassem se agrupando em torno de nomes alçados à condição de pai substituto da psicanálise. Sem jamais ter

pretendido fundar uma escola em torno de si mesmo, Green publicou uma obra consistente, sem dúvida alguma.⁹ De outro lado, apesar de destacar a força teórica de Freud, jamais pregou um apego religioso ou talmúdico à teoria freudiana, pois trabalha com seus conceitos também a partir das discussões desenvolvidas por autores de seu tempo, que buscam compreender fenômenos da clínica contemporânea diferentes daqueles que chegaram a Freud.

Suas contribuições sobre o narcisismo e a pulsão de morte são de grande valia aqui, pois postula haver uma relação necessária entre os dois conceitos, coisa que, para ele, Freud não teve tempo de desenvolver. Green introduz o conceito de narcisismo negativo no livro *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (1988), descrevendo-o como duplo sombrio e mortífero do Eu do narcisismo positivo. Para ele, todo investimento no objeto, assim como no Eu, se sustenta também em uma base negativa, que visa à regressão do psiquismo a um ponto de zero excitação, que se manifestaria, na clínica, pelo mais completo vazio simbólico. Se estamos buscando compreender os efeitos da pregnância do espaço sobre a pregnância do tempo como operador do funcionamento do psiquismo, com prejuízo significativo da ordem simbólica, é forçoso acompanhar Green na maneira como vem, gradualmente, a entender a negatividade atuante no psiquismo. Negatividade que se apresenta pela ausência de possibilidade de representação, para usar uma expressão que, em si mesma, exige melhor desdobramento.

Freud e também Lacan, cada um a seu modo, certamente consideraram o complexo de Édipo como matriz simbólica, como triangulação determinante mesmo nos casos em que há severa regressão aos estágios chamados pré-edípicos. Green os acompanha até certo ponto. Porém, ao se voltar para a inversão teórica capital feita por

9 Sugiro a consulta de sua bibliografia completa, mas cito aqui *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (1988) e *O trabalho do negativo* (2010).

Freud nos anos 1920, defende a necessidade de considerar que o funcionamento primário, de outro modo, escapa da organização em torno do complexo de Édipo, pois também se funda em uma angústia que está aquém da angústia de castração, sendo experimentada muito mais a partir do medo de perda do seio, da mãe, enfim, do objeto primordial. As ameaças de abandono e de perda de proteção do Supereu acarretam a intensificação da destrutividade, da depressividade e de estados de vazio simbólico.

Freud se dá conta de que a angústia frente à castração é revivescência de perdas anteriores primordiais. No entanto, como se acompanhará a seguir, ele oscila em relação aos modos de registro desses traços mnêmicos primitivos e à sua influência no funcionamento mental, para ele estruturado, centralmente, pela matriz edipiana. Já Lacan, por sua vez, ao conceituar o Real, se interessará pelo *irrepresentável*, impresso no real do corpo e inalcançável psiquicamente. Retomarei essa discussão adiante.

Na medida em que sigo buscando entender a relação entre a imagem corporal e o horror vivenciado pela passagem do tempo e pelo decorrente envelhecimento do corpo, mais compreendo que grande parte das ações e das intervenções sobre o corpo decorre, exatamente, da ameaça primária de abandono descrita por Green. Em entrevista concedida a Fernando Urribarri e publicada na *Revista Percurso* (2013), em edição que o homenageia, o autor deixa claro que seu trabalho privilegia a retomada da obra de Freud e dela extrai dois modelos, que têm no conceito de representação seu ponto central de distinção. Ao deparar com as dificuldades que surgem na clínica de não neuróticos, a questão da representação psíquica e daquilo que habita o psiquismo sem jamais alcançar qualidade representativa, o *irrepresentável*, Green se dedica a compreender melhor os limites e essas falhas de representação.

Os fracassos da clínica revelam a insuficiência do modelo freudiano desenvolvido em sua primeira tópica. Freud vai em busca de

um aprofundamento a partir da noção de pulsão de morte, representante da negatividade presente também na clínica dos neuróticos. A pulsão, que estava descrita como algo na borda entre o corpo e o psiquismo, insiste em se apresentar insidiosamente, invadindo o campo representacional do psiquismo e provocando ataques às possibilidades de elaboração simbólica dos pacientes e à própria transferência, necessária ao trabalho psicanalítico. Green ressalta que, na segunda tópica, as pulsões estão dentro do aparelho psíquico.

Os desdobramentos em relação à pulsão de morte, a pulsão por excelência, serão desenvolvidos no próximo capítulo. Porém, a compreensão de que este *trabalho do negativo* está dentro do psiquismo sugere que as manifestações narcísicas, mesmos as secundárias, também carregam a marca de uma negatividade. Ainda que compreendidas como expressões de amor próprio, movimentos de auto-preservação, tentativas de repetição dos circuitos amorosos primários e garantia de pertencimento social, casos como o de *Helena* fazem refletir, nos moldes freudianos, sobre a necessidade de tomar as patologias, na medida em que elas podem, pelo exagero, revelar as condições subjetivas gerais.

Green define o representante psíquico da pulsão como expressão de uma excitação somática que alcança o psiquismo e se manifesta como pura pulsão psíquica. Este seria *um representante sem representação*. Em outras palavras, o irrepresentável integra a teoria da representação. Se insisto nesse aspecto a esta altura, considerando o primeiro esforço de organização psíquica, fundante do Eu, ou seja, o narcisismo, é porque o trabalho de análise das manifestações corporais e das intervenções diretas sobre o corpo obriga à reflexão acerca das condições psíquicas subjacentes. Em princípio, é difícil e questionável a sustentação do argumento de que toda relação dos sujeitos com o próprio corpo seria sempre expressão de patologias ou sintomas psíquicos. Entretanto, não se pode deixar de considerar dois aspectos fundamentais:

1. O exagero e o aumento do sofrimento, psíquico na sua origem e corporal como consequência, decorrente das buscas infinitas de uma imagem idealizada, se colocam como fenômenos clínicos evidentes nos dias de hoje;
2. Os padrões e os funcionamentos ditados pela cultura, como se verá a seguir, potencializam o sofrimento psíquico dos sujeitos e dele se valem para interesses de diversos níveis e finalidades.

e. Corpo e cultura

Em *História do corpo* (2006/2011-2012), os organizadores Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello advertem, apropriadamente, que o conflito em relação ao corpo é bastante antigo. Conflito advindo também da cultura e fortemente avivado com a Renascença e o Iluminismo, período no qual se iniciou a singularização do corpo por excelência. Ocorre, na verdade, o que esses autores chamam de *(re)invenção do corpo*, de um corpo fundado na inquestionável entrada em cena da *beleza na modernidade*. “O realismo das formas tomadas pelos corpos pintados na Toscana do século XV realçam o porte e aguçam a aparência geral nos quadros” (CORBIN, 2006, p. 10).

Na verdade, o conflito tão bem expresso por *Helena* revela uma dupla tensão que, como se verá, é inerente ao processo de individuação inaugurado no Renascimento, quando se acentuaram as imposições coletivas e, ao mesmo tempo, se intensificou a libertação individual. As liberdades individuais surgiram concomitantemente ao desenvolvimento das ideologias – inclusive a *eugenista* – que defendem o aperfeiçoamento, o enriquecimento e a preservação da espécie, tornando a saúde uma preocupação coletiva.

Ilustrando a prevalência da beleza como valor social, Corbin, Courtine e Vigarello relatam que a frequência de retratos pessoais da elite parisiense, encontrados em seus inventários de morte, aumentou de 18% no século XVII para 28% no século XVIII. O conteúdo desses retratos também os mostrava menos solenes e era pleno de indícios individuais e privados. “Sujeição como também libertação: duas dinâmicas misturadas que dão ao corpo moderno um perfil claramente especificado” (VIGARELLO, 2006/2012, p. 18).

A retratação da imagem e sua valorização reafirmam padrões coletivos de beleza, que passam a reforçar os ideais subjetivos em relação à própria imagem com o acirramento decorrente do trabalho de vigilância do Supereu. Retratos pintados refletem a imagem a partir do outro e espelhos projetam não apenas a imagem objetiva para os sujeitos, mas, principalmente, suas próprias projeções psíquicas, determinantes das impressões que cada sujeito terá de si mesmo ao examinar sua imagem diante do espelho. Nos dias atuais, vale mencionar, os aparelhos celulares e as câmeras fotográficas digitais concentram os dois princípios. É cada vez mais frequente observar o controle ostensivo que os sujeitos exercem sobre sua imagem projetada, na medida em que diversas fotografias são tiradas de uma mesma *situação/cena*, a fim de que se possa eleger aquela que refletiria a contento a melhor imagem, a partir da avaliação do rigoroso juiz que é o próprio Eu, a ser publicada ao outro. Somos todos juízes e avaliadores de nossa imagem corporal, mesmo em situações comuns de nosso cotidiano.

A preocupação, até obsessão, com a imagem corporal é fruto desta moderna emergência do corpo, cada vez menos compreendido a partir de mecanismos místicos: influência dos planetas, forças ocultas etc. Os instrumentos de compreensão do corpo se *desencantam* e o sujeitam cada vez mais à visão da física, com suas explicações sustentadas pelas leis das causas e dos efeitos. As exigências de um corpo interiormente purificado das malignidades vão, gradualmente,

cedendo lugar à busca de um corpo da higiene, da assepsia, marcado pelo controle da aparência e pela manutenção da saúde.

Pode-se dizer que os sujeitos controlam seu corpo e sua imagem corporal como um lócus, um lugar que necessita ser cuidado, uma vez que o corpo não é mais visto apenas como um instrumento, um invólucro a conduzir o homem pela vida até a eternidade, regido por leis místicas e obscuras, como se pensava na Idade Média. De todo modo, tampouco será o corpo regido pela objetividade e pelo controle da consciência, preconizados pelos psicólogos e sociólogos do século XIX, em pleno positivismo. Como bem demonstrou Freud, ao descer ao registro do corpóreo, ao mundo das conversões histéricas, *o corpo pode conduzir a consciência em vez de ser seu objeto*. Atitudes e comportamentos, como destacam Corbin, Courtine e Vigarello, “tornam-se indícios para uma psicanálise sensível às manifestações ínfimas e às expressões anódinas” (2006, p. 7).

Contudo, cabe aqui uma distinção. Freud parte de indícios que são considerados enganosos no nível corporal (os sintomas presentes nas conversões histéricas) para construir uma vasta obra em busca dos sentidos e dos símbolos presentes em diversas formas desse *falso adoecimento corporal*. Os sinais conduzem-no à descrição do psiquismo humano e o sujeito psíquico é tomado como portador de um corpo simbólico – corpo erógeno – que conta uma história do sujeito, forjada ao longo da passagem da vida, das etapas vencidas pelo tempo. O tempo é construtor e condutor da história. O espaço, o lócus, é a base material na qual essa história se sustenta, incluído aí o corpo/soma. O corpo erógeno é resultante do fio tecido pelo tempo no espaço/corpo somático. Como se sabe, Freud teoriza sobre as fases que o sujeito atravessa na constituição de seu aparelho psíquico. Carregando de modo dinâmico as marcas psíquicas do passado no presente, os sujeitos encontram novas possibilidades e posições frente às demandas sucessivas da vida.

f. Tempo e espaço constituintes

A relação dos sujeitos com os limites de sua existência se funda em uma duplicidade inerente, à qual Freud se refere já em *Introdução ao narcisismo* (1914/2011). De um lado, as ancoragens subjetivas, individuais, que ajudam a construir e manter a noção de singularidade, uma vida própria que, como se sabe, é também sustentada pelas ilusões e *fantasmações* de que nosso psiquismo é capaz em busca de sobrevivência. É o sujeito da história, que vive em um tempo físico constantemente ressignificado pelos tempos psíquicos. Tempo da história coletiva e da cultura e tempos psíquicos fundadores das passagens que ele necessita vencer.

De outro, a existência que nos transcende. Como diz Freud, “o sujeito é em grande parte apenas o ínfimo elo de uma corrente, que lhe é transcendente” (p. 20). A vida que carrega sustenta a marcha da evolução biológica, que se ancora em um tempo sem começo, meio ou fim, atravessada pela dimensão espacial e inapreensível do universo. Somos pequenos, somos poeira, e serão necessários movimentos sofisticados para dar conta da construção de uma trama que sustente a dimensão subjetiva, a noção de si mesmo, de sujeito. Embora Freud tenha abandonado as teorizações acerca do narcisismo para se dedicar a desenvolver e propor seu segundo dualismo pulsional, como se verá a seguir, o narcisismo e a fundação do Eu são os elementos estruturantes do sujeito psíquico, as primeiras formas de organização psíquica voltadas para a dura tarefa de decifrar as mensagens pulsionais.

Birman (2012) destaca os jogos presentes nos movimentos subjetivos entre as duas dimensões, de tempo e de espaço. Para ele, é pela dominância da categoria espaço sobre a tempo que se pode encontrar o fundamento das diferentes modalidades de expressão do mal-estar. Essa dominância altera e, mais propriamente, interfere no entrecruzamento pelo qual se realiza e se operacionaliza a constituição

das formas de subjetivação. Concordo com Birman na maneira como pretendeu articular esses conceitos, pois acredito que ela seja de grande valia no exame de nossa questão central: como a passagem do tempo provoca tensão no psiquismo exacerbando as angústias primárias, uma vez que, simultaneamente, o tempo seria o único fio condutor de nossa história, a conduzir a vida e carregar à morte. Assume, assim, importância e protagonismo o exame do conceito de *narcisismo*, pois sua manutenção é crucial ao psiquismo, em busca da autoconservação do organismo e da sua homeostasia de prazer. Sob sua égide, as vivências ganharão caráter eminentemente psíquico, pois as sensações corporais passarão, obrigatoriamente, pelos filtros primordiais que inauguram, fundam o sujeito psíquico.

Recorrendo à noção freudiana de trauma como excesso, Birman sublinha que é a intensificação da angústia do real (ou primária, se quisermos) disseminada que conduz o psiquismo à descarga pela ação – *passagem ao ato* – ou pelas vias da descarga no próprio corpo. “O excesso fica retido no corpo quando não pode ser eliminado como ação” (BIRMAN, 2012, p. 97). Essas ações sobre o corpo e sobre o mundo apresentam equivalência quando ambos são tomados apenas em sua dimensão espacial. Corpo sem sujeito, sem tempo. Corpo sem história nem sentido, em última instância. Em relação às ações sobre o corpo, Freud já havia buscado descrever as diferenças entre as paralisias produzidas por causas orgânicas e as que tinham causalidade psíquica. Desse ponto de partida, como reafirma Birman, as concepções freudianas vão descrever um psiquismo que se desenvolve nas bordas do somático, em que as pulsões podem se constituir como psíquicas e compor o corpo erógeno, para além do somático.

Contudo, o corpo *especializado* no registro do somático implica um mundo que se delinea e se restringe a coordenadas estritamente parciais (BIRMAN, 2012). E essa ideia, a meu ver, será de grande valia para o exame e para a análise dos efeitos que a *evitação* do

tempo e o terror vivido em relação aos seus avanços contínuos sobre o corpo provocam, no sentido do empobrecimento do psiquismo. O controle meticuloso e espacial do corpo *estilhaçaria* a malha simbólica, aprisionando os sujeitos nas sucessivas intervenções no nível do corpo, base que sustenta um frágil equilíbrio psíquico pifamente mantido por sujeitos que, cada vez mais, desinvestem em si mesmos como sujeitos portadores de uma história e de uma ordem simbólica.

Como fenômenos da contemporaneidade que chegam às clínicas dos psicanalistas, instalam imediatamente um desafio, pois operam nos moldes do que Freud descreveu como neuroses atuais, que decorreriam de pura descarga da excitação para o registro do somático, em detrimento do processo de simbolização. Birman (2012) destaca que a descarga excitatória assume a condição de estase, provocando paralização de movimentos psíquicos que cessam, reduzidos a um ponto no qual se condensa o espaço. O tempo, segundo ele, é a condição de possibilidade para a produção do movimento.

g. Corpo sem sentido

Quais seriam, então, os efeitos dos movimentos do sujeito que visam à paralisia do tempo, ao congelamento de sua própria história? Paradoxalmente, o tempo se torna, ao longo da vida, o bem mais precioso. Tempo é movimento, é um fio que carrega a história e dá sentido à vida dos sujeitos, conduzindo-os, inexoravelmente, para o final. Controlar e contornar o tempo é uma armadilha ilusória que torna o sujeito um ser vagante no espaço, como aquelas imagens dos astronautas perdidos no universo. Nos dias de hoje, dos chamados “*ageless*”, *sujeitos sem idade*, *sujeitos despreocupados em relação à sua idade*, dos casos de homens e mulheres que *plastificam*

o rosto em imagens fotográficas, encontra-se uma diversidade de fenômenos que devem ser melhor compreendidos, tanto do ponto de vista do aprofundamento sobre as condições psíquicas presentes nesses movimentos quanto dos instrumentos clínicos de intervenção de que dispomos.

Nesse sentido, as considerações de Freud acerca da hipocondria, na tentativa de descrever a descida do sujeito ao controle e à obsessão pelo corpo em sua suposta literalidade somática, são fundamentais. Nos moldes do que já descrevera sobre as neuroses atuais, ele busca demonstrar o encapsulamento narcísico do sujeito presente nas psicoses, por sua fragmentação e sua violência sobre a ordem simbólica. A análise do texto freudiano, aqui, se justifica pela força de atualidade que possui. Diversos autores já se perguntaram: por que as noções da psicanálise freudiana não se tornaram anacrônicas? Penso que uma boa hipótese para responder a esta indagação reside na constatação e na observação de que os sujeitos, desde a invenção da psicanálise, ao longo do século XX e do início do século XXI, paradoxalmente, se empobreceram do ponto de vista simbólico, na mesma medida em que passaram, cada vez mais, a ser submetidos à administração e ao controle da coletividade. As tecnologias sofisticadas e as supostas *facilitações* dos modos de existência provocaram efeitos nos sujeitos e nas subjetividades que ainda deveremos seguir analisando nos próximos tempos.

A maioria das pessoas, hoje, acredita magicamente que o modo de vida contemporâneo é único, natural e inevitável. Efeito, a meu ver, do empobrecimento da ordem simbólica. A crença na vida eterna após a morte, da Idade Média, foi substituída pela sensação delirante de que a vida pode ser eterna, o tempo pode ser congelado e as condições de vida nunca mudarão. Qualquer exame superficial da história do mundo serviria para desmontar essa crença. No entanto, ela se sustenta forte como nunca.

Sociedade narcisista

a. O que é sociedade?

As estruturas coletivas – ou, mais propriamente, a cultura – influenciam e induzem a respostas subjetivas na direção do sofrimento e adoecimento psíquicos? Esta é a questão que se impõe quando do exame e da análise das manifestações narcisistas que levam homens e mulheres a buscar, na imagem corporal, uma garantia de inclusão social. Também em resposta aos apelos ideológicos facilmente identificáveis, a subjetividade, hoje, assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica na economia psíquica de cada sujeito. Quais são os efeitos das pressões que a sociedade faz sobre os sujeitos no que diz respeito a suas produções sintomáticas de origem intrapsíquica, em primeira e última instâncias?

Antes de se tentar responder a isso, cabe destacar a ressalva feita por Nobert Elias em seu livro *A sociedade dos indivíduos* (1994a). Segundo ele, todos parecemos saber o que se pretende dizer quando se usa a palavra “sociedade”, mas será que realmente se entende o que sociedade quer dizer? Com isso, advirto que a utilização ampla e geral da palavra remete a desdobramentos que não serão feitos aqui, referentes não apenas a diferentes visões conceituais sobre o termo, mas também às múltiplas formas de agrupamentos sociais e coletivos existentes. Sabendo, então, do risco de se trabalhar com generalizações excessivas, assinalo apenas que o termo aqui usado se articula mais propriamente com a concepção de sociedade moderna do capitalismo maduro ou tardio, sustentada por uma visão na qual os sujeitos participam da construção social, sendo agentes e também construtores de suas condições sociais. Apesar disso, sem concordar com a visão que concebe a existência de mecanismos

sociais autônomos e independentes da intervenção dos sujeitos, gostaria de marcar que a impronta cultural sustentada pelo sistema capitalista dissemina a ideologia de que os ciclos sociais são incapáveis e se repetem mais ou menos automaticamente. O que se vende é a ideia de que as formas de vida defendidas hoje pelas sociedades capitalistas são praticamente “naturais”. Esta *naturalização* do modo de vida contemporâneo, como bem nomeou Elias, é resultado do caráter metafísico de modelos científicos que, transferindo modelos conceituais de um campo para outro, fundam uma espécie de *religião da razão*.

As ciências médicas, desde o final do século XIX, têm se prestado a esse fim, uma vez que seu conhecimento passa a sustentar regras de conduta e normas de comportamento social. É a sociedade administrada pela medicina moderna, conforme denunciou Foucault em diversas de suas obras, entre outras, *O nascimento da clínica* (1967/1977).

Adjetivar a sociedade de *narcisista* exige o cuidado e o rigor defendidos enfaticamente pelos autores da chamada *Teoria Crítica da Sociedade*, também designados *frankfurtianos* ou pertencentes à *Escola de Frankfurt*. Apesar de não se reconhecerem eles próprios como pertencentes a uma escola, pode-se situar a existência de um grupo de pensadores alemães que, de modo bastante contundente, pensaram criticamente uma sociedade naquele momento mergulhada em forte depressão econômica em um momento histórico já marcado pela Primeira Grande Guerra, terminada em 1918, e pela Revolução Russa de 1917. O grupo se originou no início dos anos 1930 em meio às tensões que resultariam em mais uma guerra. Era constituído, principalmente, por Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse. Posteriormente, surgiram nomes também bastante fortes, como Habermas e, mais recentemente, Honneth. Por ora, recorro especificamente a Horkheimer e Adorno (1944/1985), quando defendem o desenvolvimento de uma *psicologia social psicanaliticamente*

orientada, que não incorresse no erro de *psicologizar* o social, transpondo categorias individuais para generalizações ou afirmações a respeito de uma sociedade abstrata. Portanto, ao falar de sociedade no presente livro, o objetivo é desvendar, na medida do possível, a trama urdida entre os sujeitos que a constituem, atravessados pelas condições sociais e as instituições que puderam criar, mas que se cristalizaram e se tornaram autônomas em relação aos movimentos individuais. Enfim, as normas, os padrões e as leis estabelecidos garantem os limites dos espaços individuais e fomentam instrumentos de controle coletivo.

Por conseguinte, não é tarefa simples elaborar, sem se deixar perturbar por essas profissões de fé, modelos conceituais do “indivíduo” e da “sociedade” que se harmonizem mais com o que existe, com o que é comprovado como fato pela observação e pela reflexão sistemáticas. Tal iniciativa pode, a longo prazo, ajudar a afrouxar os grilhões do círculo vicioso mediante o qual a falta de controle sobre os acontecimentos resulta numa permeação do pensamento por fantasias afetivas e numa falta de rigor na reflexão sobre esses acontecimentos, o que, por sua vez, leva a um controle ainda menor sobre eles (ELIAS, 1994, p. 74).

O tema do narcisismo, visto a partir da noção de sociedade narcisista, para além de sua conceituação a partir de fenômenos clínicos e dos desenvolvimentos teóricos da psicanálise, tem sido, também, objeto de estudo e de reflexão por diversas disciplinas que se dedicam a pensar a cultura contemporânea. Diversos autores defendem o estudo do narcisismo como uma característica psíquica extremamente exacerbada nas sociedades atuais. O escritor e

pensador francês Guy Debord, leitor rigoroso tanto de Marx quanto de Freud, publicou, em 1967, *La société du spectacle*. Seus principais argumentos destacam o conceito de alienação como mais que um estado ou uma condição psíquica do sujeito: como consequência do modo capitalista de organização social que assume novas formas, em um processo dialético de separação e reificação da vida humana. O espetáculo, a cena, a imagem, aquilo que pode e deve ser apresentado aos outros impõem padrões que nada mais seriam que uma forma de dominação das elites sobre todos os membros da sociedade. A encenação social é constante e, desde as revistas de *celebrities* tremendamente populares no mundo contemporâneo até a maciça veiculação feita hoje por meio das redes e da mídia sociais, ensina a cada um a maneira de se comportar, consumir, comer, vestir, restando, assim, a cada sujeito, a composição e a construção da encenação de seu próprio espetáculo diário. Claro que a noção de espetáculo desenvolvida por Debord retoma e aprofunda o conceito marxista de fetiche de mercadorias,¹⁰ o que remete diretamente à ideia de que também o corpo *especializado*, o corpo-objeto das inúmeras possibilidades de intervenções e mutilações, é, evidentemente, o corpo fetichizado, o corpo-fetiche.

Em outro continente, o historiador americano Christopher Lasch (1983) denomina como cultura do narcisismo ou *narcísica* a principal base que domina a sociedade contemporânea. Esse autor, que também se inscreve na tradição da Escola de Frankfurt, como evidenciam suas ideias, é considerado um dos mais severos críticos das sociedades industriais modernas. Lasch nasceu e morreu nos Estados Unidos (1933-1994), aspecto não desprezível em relação ao fato de que ele se utilizava do desenvolvimento e dos modos de vida americanos como fontes para suas reflexões, defendendo que o

10 A esse respeito, vale sublinhar a vasta obra de Marx e suas ideias, sobretudo as desenvolvidas no primeiro volume de *O Capital*, para um maior aprofundamento.

modelo americano é uma poderosa matriz que se reproduz nos modos de vida das sociedades capitalistas em geral.

Referindo-se ao que chamava de *esfacelamento da vida íntima*, pergunta Lasch:

Por que o crescimento e o desenvolvimento pessoais se tornaram tão árduos de ser atingidos; por que o temor de amadurecer e ficar velho persegue nossa sociedade; e por que a “vida interior” não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem? (Lasch, 1979/1983, p. 37, grifo nosso).

Ao investigar as condições sociais, ele se volta ao exame de movimentos, medos e angústias subjetivas, tecendo uma análise bastante interessante acerca da imbricação das esferas pública (ou coletiva) e privada (ou subjetiva). Seu movimento se justifica pois sustenta que a atividade política dos anos 1960 cedeu lugar à impotência diante da burocratização generalizada da sociedade americana, aos medos da escassez iminente dos recursos naturais e ao horror diante da possibilidade de uma catástrofe nuclear. Assim, Lasch afirma que os militantes políticos de outrora cederam lugar a sujeitos que passam a se preocupar cada vez mais com seu próprio bem-estar. Do enfraquecimento do homem político e libertário surgem os sujeitos narcisistas da atualidade.

Segundo Lasch, para que se possa realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade, será fundamental a retomada da confusão de *Narciso* entre sua imagem e a do outro no espelho d'água, nublando sua própria identidade por meio da não diferenciação entre o Eu e o outro. Em consequência, será possível surpreender o que está no fundamento da psicopatologia da atualidade. Os destinos do desejo do sujeito assumem uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte

intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas verdadeiramente inter-humanas.

Nessa direção, Lasch vem integrar o coro da defesa do argumento de que o exame da subjetividade permite também, como fizera Freud, aceder e reconhecer o mal-estar na atualidade. Sem tomar traços étnicos ou culturais como atributos necessariamente psicopatológicos, o autor ressalta que, na sociedade americana, a qual viveu e pesquisou, as valorizações, as condutas e os padrões são construídos a partir da utilização de características individuais, que ditam, de modo singularizado, as maneiras como cada um dos sujeitos deve se apresentar. Esse controle e essa determinação de comportamentos, segundo ele, conduzem ao adoecimento e às psicopatologias.

Os sujeitos *narcisistas*, segundo Lasch, são superficiais emocionalmente, têm medo da intimidade, são hipocondríacos e experimentam intensamente o *horror à velhice e à morte*. O cinismo, a descrença no futuro e o desprezo pelo passado dos sujeitos forjados pelas sociedades capitalistas contemporâneas já haviam sido magistralmente descritos por Adorno em *Educação e emancipação* (1969/1995), no qual ele alerta, especialmente, para a perda do sentido da continuidade histórica e de sua importância na constituição de uma malha subjetiva que permita aos sujeitos escapar de um estado de completa alienação.

Não tenho objetivo de analisar, profundamente, as contribuições fundamentais dos autores até aqui mencionados. Entretanto, sem ao menos trazer alguns de seus conceitos, não seria possível compreender os fenômenos que vêm sendo objeto de nossa reflexão. A complexidade das tramas coletiva e subjetiva – que dão origem, fomentam, exacerbam ou forjam as movimentações psíquicas subjetivas – remete, diretamente, às dificuldades que todo psicanalista enfrenta no exercício de sua clínica ao deparar com fenômenos apresentados por seus pacientes, aprisionados e submersos nesse universo de questões, do qual o próprio psicanalista não escapa.

b. O narcisismo e sua relação com as expressões coletivas

O mal-estar em relação ao corpo é absolutamente central para a presente reflexão. Mal-estar e angústia diante de um corpo que envelhece a partir da passagem do tempo, embora à revelia e em consequência de todos os avanços e as promessas feitos pela medicina.

Examinando o campo social da atualidade, constata-se que o encapsulamento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se o compararmos aos momentos anteriores da história do ocidente, a partir do Renascimento, quando se instituiu e se reproduziu a visão individualista de mundo. Vale repetir, os movimentos sociais de libertação e individuação vieram, paradoxalmente, articulados ao aparecimento dos instrumentos coletivos de controle. A ordem social passa a ditar a maneira como os sujeitos devem ocupar os espaços individuais, para, inclusive, seguirem merecendo o direito a eles. Porém, na medida em que essas regras avançam sobre a vida privada e a devassam, os sujeitos as tomam como fixas e estruturais das condições de sua existência. O efeito, aparentemente contraditório, é o isolamento, a dificuldade de, efetivamente, se relacionar com o outro e com os grupos. A atividade e a interação cedem lugar a uma relação apassivada e submissa com a própria vida e com o outro.

Homens e mulheres vivem em suas casas na maioria das vezes sozinhos, cumprindo sua programação e executando sua longa sequência de tarefas, acessando o mundo e o outro, predominantemente, a partir da sofisticada mediação tecnológica que faz acreditar que o sujeito está em contato real com os outros. As redes sociais se transformaram nesse lócus no qual o outro é virtual e existe apenas na medida em que emite aprovação ou não a respeito da encenação diária de cada um. Um dos traços fundamentais, propostos por

Lasch, acerca da cultura do narcisismo é que, nas condições atuais, a alteridade tende ao apagamento e quase ao silêncio na economia do sujeito. O cuidado excessivo com o Eu a transforma, assim, em objeto permanente para a admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que aquele realiza polimentos intermináveis para alcançar o *brilho social* – ou, se preferirem, o *glamour*.

Nesse contexto, a mídia que se difundiu e se espalhou pelas redes sociais se destaca como instrumento fundamental, sinalizando 24 horas por dia os limites e os padrões, a fim de ajudar a forjar o *polimento* necessário para cada um. A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do Eu, na medida em que a produção do *brilho social* se realiza, fundamentalmente, pelo esmero desmedido na construção obcecada da imagem pelos sujeitos. Institui-se, assim, a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência glamourosa. Na cultura da estetização do Eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante imagens produzidas para se apresentar na cena social. Como se o sujeito nessa exposição das tensões narcísicas espetaculares, ironicamente, terminasse por se revelar rigorosamente honesto em seu cinismo.

Impressionante a descrição que faz Lasch da crença do indivíduo moderno de que o futuro não existe, suas decisões e suas ações ocorrem de maneira muito mais imediata, ou, como dito acima, podem ser consideradas muito mais como *passagem ao ato*, pela incapacidade narcisista dos sujeitos de se identificarem com as noções de finitude e posteridade, de se sentirem parte do fluxo da história. Evidentemente, Freud já alertara, em *Introdução ao narcisismo (1914/2011)*, que o homem vive uma existência dúplice e seu narcisismo é fundamental para que o Eu construa uma história e uma vida que façam sentido, que o mantenham, de todo modo, vivo. Porém, ao se perder dos sentidos de coletividade e da história da civilização, das construções que o antecedem e que a ele sobreviverão, ataca suas próprias ancoragens simbólicas que sustentariam sua própria história.

Ocorre que, em uma dimensão patológica de exacerbação da condição narcísica, o sujeito desinveste o mundo e o outro e passa a se guiar pelos seus movimentos mais íntimos, tornando-se o corpo – e seus sinais – o palco privilegiado no qual se enclausura para viver sua própria encenação. Além disso, o isolamento e o fechamento em si mesmo se insinuam, também, no registro sexual e nas formas corriqueiras como o indivíduo realiza a destituição e a desvalorização do corpo do outro como objeto. Os famosos *paparazzi* buscam, desesperadamente, flagrar os corpos desnudados nas praias, sendo que as fotografias mais divulgadas e propagadas, as que mais repercutem nos sites de jornais, revistas e blogs, são aquelas que visam desvalorizar a imagem do corpo de homens e mulheres avaliados como fora de padrão. O registro é extremamente simplista: corpos em *boa forma*, a confirmar e realçar o padrão, ao lado de corpos *fora de forma*, desencaixados que estão do *molde* construído e vendido pela mídia em geral e pela publicidade.

Como a história dos sujeitos, a passagem do tempo e as contingências individuais são desconsideradas pelo padrão imposto, nas praias dos *paparazzi* não importa idade, condição gravídica ou mazelas deixadas por doenças e acidentes, pois a imagem/crivo é uma só. Se o sujeito escapa ao padrão, deverá ser atacado e desvalorizado. Que sirva de exemplo!

Com efeito, esses fenômenos que podem ser observados em qualquer lugar por onde circulem as *celebrities*, veiculadoras virtuais dos padrões e dos ideais estéticos e de consumo, não deixam de denunciar os movimentos do sujeito para o qual não importam mais os afetos, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece e glorifica. Esses são os componentes necessários para manutenção *da sociedade do espetáculo*, como bem apresentou, desde o final dos anos 1960, a excelente interpretação de Debord. A exibição se transforma no lema essencial da existência, sua razão de ser. Vive-se, assim, para a exibição, para a *mise-en-scène*

sempre recomeçada no espaço social, para a exaltação do Eu. Aqui, se impõe novamente o imperativo categórico da cultura do espetáculo, que destaca, para o indivíduo, a exigência infinita da performance, que submete todas as ações dele. Nessa performance, marcada por um *narcisismo patológico*, o que importa é que o Eu seja glorificado, transformando-se numa majestade, iluminado que é o tempo todo no palco da cena social.

Do mesmo modo, as contribuições de Lasch são de grande valia, pois, na descrição dos homens e das mulheres que vivem em grandes cidades e no exame de suas personalidades, ele encontra aspectos de identificação coletiva. Traços e sintomas dos sujeitos revelam, certamente, aspectos das sociedades às quais pertencem. O horror ao envelhecimento e à morte, a noção alterada do tempo, o fascínio pela celebridade, o acirramento do espírito competitivo – ainda que temido – e a diminuição do convívio social são algumas das características apontadas pelo autor, que o levaram a conceber, em termos de generalização, esse *homem narcísico*, habitante dos grandes centros urbanos americanos. Apesar disso, sua intenção não é fazer do narcisismo a *metáfora da condição humana*, pois, assim generalizada, as condições subjetivas e suas patologias não seriam mais denunciadoras das condições sociais de existência do homem numa determinada época.

Os chamados pacientes fronteiriços, que se apresentaram, a partir dos anos 1960, em grande número às clínicas médicas, geral ou psiquiátrica, aos consultórios dos psicanalistas e aos equipamentos públicos de saúde mental, trazendo suas queixas mais difusas, sua depressividade, sua sensação de vazio e sua ausência de sentido na vida, atacados por um julgamento feroz contra seu corpo e sua imagem, estão, ao mesmo tempo, contando suas histórias e denunciando as condições sociais nas quais vivem. Diante de uma vida fortemente administrada, se veem forçados a buscar ajuda pelo simples fato de que escapam da tão propalada *vida natural contemporânea*.

Escutá-los é dar espaço para que formulem seus próprios saberes sobre si mesmos, desembaraçando de suas narrativas as consignas sociais fomentadoras de seu sofrimento psíquico. Embora se possa questionar a validade e a eficiência do método clínico inventado por Freud, é possível compreender por que a psicanálise, menos do que se converter em um anacronismo, passou ainda mais a ser considerada como um instrumento que, embora imperfeito, permite aos sujeitos o fortalecimento do Eu. Não no sentido do enrijecimento de suas defesas já cristalizadas e sim, ao contrário, pelas possibilidades de recuperação de plasticidade e movimentação psíquica a partir dos seus próprios desejos.

c. A instabilidade dos padrões na cultura contemporânea

Embora seja evidente, desde o início da idade moderna, a criação e o desenvolvimento de instrumentos de controle coletivo e de administração da vida de cada um, a partir do estabelecimento de padrões de comportamento e de regras de conduta, a contemporaneidade, alerta Birman (2012), revela-se como uma fonte permanente de surpresas, sempre “correndo” atrás de regular e antecipar os acontecimentos que surgem e aumentam em escala geométrica, para dizer o mínimo. *A cada novo dia, surge um novo padrão.* A sociedade da libertação individual busca controlar a vida dos sujeitos pela devassa de sua intimidade e, não encontrando meios de fixá-los em ideais previamente estabelecidos, sustenta-se muito mais pela exigência de construção e reconstrução da vida ideal. Uma vida que estará sempre no porvir.

Esse *modus operandi* se revela essencial ao funcionamento do sistema capitalista, pela manutenção dos sujeitos constantemente *em busca de*. A “corrida contra o tempo” é o mote ideal, o ideal dos ideais, e, em vez da conquista da liberdade almejada, os sujeitos

isolados em sua cruzada se sentem constantemente sob ameaça de exclusão social, pela perda de referências cada vez mais *fluidas*. O vazio e a perda de sentido na vida se apresentam muito mais correntemente quando as missões e as tarefas do cotidiano são incontáveis, diferentes entre si e jamais poderão ser cumpridas. É impossível viver sob o mote *mate um leão por dia*, ilustrativa expressão corrente do senso comum.

Independentemente de gênero, a rotina impõe uma vida cada vez mais exaustiva para todos. Mas deve-se destacar a rotina imposta às mulheres, que, depois de conquistarem maior liberação sexual e espaço no campo de trabalho, se encontram pressionadas por múltiplas e inúmeras tarefas multiplicadas em duplas ou triplas jornadas.¹¹ Entretanto, engana-se quem pensa que me refiro, aqui, apenas às pressões advindas do mundo do trabalho e da necessidade de sobrevivência material. Os limites impostos pelo mundo do trabalho, com a conseqüente escravização do homem, foram largamente denunciados, inclusive por meios mais populares e artísticos. Menciono o fabuloso *Tempos modernos*, de Charles Chaplin, que, com força poética impressionante, demonstra a automatização do humano no meio da indústria. Contudo, o que se encontra hoje como forma de controle de indivíduos *livres* responde pelos nomes *qualidade de vida*, *meritocracia* e, ainda, algumas outras designações mais gerais de princípios que passaram a ser determinantes de conduta social. Como funcionam esses controles? Quais seriam suas finalidades?

Em *Teoria crítica e psicanálise* (2001), Rouanet argumenta que a principal questão norteadora das reflexões dos freudo-marxistas e, de certa maneira, dos *frankfurteanos* em sua primeira fase apontava para a necessidade de se elucidar por que a classe operária pensava e agia contra seus próprios interesses, submetendo-se e identificando-se passivamente às exigências da burguesia. Entretanto,

11 Ver o Capítulo 5 deste livro.

para os autores da Teoria Crítica da Sociedade, as investigações e reflexões, a partir dos anos 1960, voltaram-se para o desvendamento dos motivos que levam a *população de modo geral, nos países do leste e do oeste, a pensar e a agir em sentido favorável ao sistema que a oprime.*

Rouanet sublinha que as diferenças entre os dois pontos de partida se justificam porque se referem a dois momentos históricos distintos. O primeiro partia de um enigma no qual a população pauperizada assentia, passivamente, ao sistema responsável por essa pauperização. Contudo, “os oprimidos da ‘*affluent society*’ dizem sim a uma opressão invisível, que se manifesta não na privação, mas na superabundância de bens” (ROUANET, 2001, p. 71).

Pode-se dizer, assim, que a opressão sofisticou seus meios. Do ponto de vista material, a realidade, para grande parte da população, passou a ser mais tolerável, a tensão entre ideologia e realidade pôde ser, assim, absorvida. A ideologia não necessita mais negar a realidade pela promessa utópica de uma nova ordem social futura. Ao contrário, a ideologia se torna afirmativa e fundida com o real, pois a utopia já se realizará no presente para aqueles que cumprirem as exigências e seguirem as indicações coletivas em prol de seu *máximo desenvolvimento pessoal.*

Assim, *qualidade de vida e meritocracia* são noções, de certa maneira, criadas e fomentadas na contemporaneidade, na qual a ideologia, misturada com a realidade, praticamente desaparece, passando a realidade a desempenhar a função de mistificação. “A mentira assume a última das máscaras, que é a verdade” (ROUANET, 2001, p. 71). Assim o é quando a grande indústria dissemina, principalmente por meio da publicidade, as noções caras ao liberalismo, de que todos conseguirão, por mérito próprio e esforço individual, alcançar posições sociais economicamente favoráveis, a fim de buscar garantir *os meios de consumir a qualidade de vida.* Os conceitos em si mesmos são falaciosos, pois existe uma enormidade de fatores

que interfere, permite ou impede que os sujeitos acedam em suas ocupações e carreiras alcançando sucesso financeiro. Recentemente, foram divulgados números bastante ilustrativos desse questionamento, a partir dos resultados de um estudo realizado pelo Oxfam¹² apresentado no Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, em janeiro de 2016. Existem no mundo, atualmente, 62 pessoas bilionárias (cálculos feitos em dólar). Suas fortunas somadas são quantitativamente equivalentes à riqueza conjunta das 3,6 bilhões de pessoas mais pobres do planeta. A concentração de riqueza, portanto, vem aumentando em relação a dados anteriores e a circulação dos sujeitos pelas camadas de estratificação social depende muito mais das condições e das necessidades do sistema capitalista, cujo poder financeiro se concentra em poucas famílias e transforma a origem e o parentesco em condições prévias de pertencimento e inclusão social.

A uma parcela intermediária da população, é dada uma dupla concessão: a tentativa de escalar os degraus e competir e a *benesse* de pensar a utopia no presente pelo consumo constante dos meios de se conquistar *qualidade de vida*, a vida feliz. Sendo assim, como sugere Rouanet, os frankfurteanos passaram a denunciar o fato de que a realidade não poderia mais ser convocada para depor contra a ideologia, pois o pacto entre ambas está selado definitivamente.

A “consciência infeliz” e atormentada do homem da primeira metade do século XX vai ser substituída pela “consciência feliz” – desdobramento da *falsa consciência* –, meta almejada e propagada, por exemplo, pela indústria farmacêutica, quando passou a colocar no mercado suas chamadas pílulas da felicidade.¹³

12 Oxfam: Oxford Committee for Famine Relief é uma confederação de treze organizações e mais três parceiros que atua em mais de cem países na busca de soluções para o problema da pobreza e da injustiça social.

13 A esse respeito, ver ainda meu livro *Depressão & doença nervosa moderna* (2004).

Mas se antes aceitar o sistema responsável pela opressão material podia ser considerado irracional, como classificar de irracional uma forma de consciência e de ação favorável a um sistema no qual essa opressão desaparece? A psicanálise era necessária para explicar uma consciência incompatível com a realidade; se agora a consciência é plenamente ajustada à realidade (realitaetsgerecht) não se fecha, ipso facto, o espaço da patologia, no qual a psicanálise se movimenta e onde encontra sua justificação? (ROUANET, 2001, p. 72).

Os próprios frankfurteanos, prossegue Rouanet, contra-argumentam e alertam que essa síntese entre realidade e ideologia é falsa, é caricatura. Trata-se, mais propriamente, de uma incapacidade de distinguir as duas dimensões, que será mais especificamente chamada por esses autores de *falsa consciência*, provocada pela cegueira socialmente necessária induzida pela ideologia. Isso significa aceitar uma realidade que se apresenta como não repressiva, apesar de ser constituída, em sua estrutura mais íntima, pela repressão. Como se dá a instalação desse estado de coisas? Justamente por meio da aceitação da realidade, de um lado, e pela obliteração da própria noção de sofrimento, do outro. Em outras palavras, da alienação social caminhou-se para alienação de si mesmo e para a cessação da procura de sentido do próprio sofrimento. Nos dias de hoje, os sujeitos encontram-se diante de seus corpos com a tarefa de extirpar suas marcas, seja de sua decrepitude natural decorrente da passagem do tempo, seja das marcas adquiridas pelas intercorrências de sua própria história.

Quando um sujeito interfere radicalmente em seu corpo, submetendo-o a transformações radicais, ele parte de uma mentira visando convertê-la em verdade. Pode-se criar uma caricatura na qual o

sujeito busca se assemelhar a outrem, o objeto idealizado, ou, ainda, à recuperação de uma imagem jovem, bela e outrora amada e desejada. Quanto mais a ilusão se transforma em distorção e/ou alucinação, mais ele vive submerso em uma realidade delirante, ponto que será aprofundado nos próximos capítulos. Por ora, sigo com Rouanet, quando afirma que a dissipação da falsa consciência não será mais alcançada pela confrontação entre os fantasmas da ideologia e a solidez da realidade, mas pela redescoberta, em primeira instância, da própria realidade, da qual a “fachada unidimensional constitui a contrafação” (ROUANET, 2001, p. 72).

Em casos de transformação radical do corpo, sobretudo do rosto, é bastante comum escutar dos sujeitos que, em seus sonhos, aparecem seus rostos antigos, *de outrora*, de antes das intervenções. Ou ainda, que não conseguem se reconhecer na imagem de si mesmos que o espelho lhes exhibe. Em vez de ser uma metáfora das condições sociais, essa situação se converteria na expressão literal da realidade, o que leva Rouanet a endereçar à psicanálise uma tarefa, a meu ver, bem mais espinhosa. Diz ele que desfazer a falsa consciência significaria confrontar o Eu não com o real, mas com o virtual, que essa mesma realidade dissimulou e buscou recalcar. Do seu ponto de vista, justamente por isso, a psicanálise se recoloca de volta ao centro do trabalho crítico, pois ela se movimenta, essencialmente, no terreno ambíguo da razão e da desrazão, “nessa passagem lunar em que o dia e a noite se entrecruzam, em que a razão se apresenta, como os bufões de Shakespeare, com os guizos da loucura” (ROUANET, 2001, p. 74).

Os autores da Escola de Frankfurt, mais especificamente Adorno, sugerem que a violência das psicopatologias na contemporaneidade se manifesta muito mais pela forma. A doença se apresenta tanto mais violenta quanto mais racionalmente se estrutura o seu delírio. Esses aspectos credenciarão a psicanálise, mais que qualquer outra teoria, a realizar a tarefa de desvendar o irreal que, na cultura, se

insinua com a máscara da realidade, desvelando a irracionalidade presente na suposta ou “fingida” racionalidade. Evidencia-se, assim, o fato de que, sem a psicanálise, os frankfurtianos não poderiam fazer sua crítica da cultura, embora essa crítica vá incluir, obrigatoriamente, a crítica à própria psicanálise.

O horror ao envelhecimento e o pacto com a beleza e a juventude são, inequivocamente, manifestações do narcisismo, a meu ver, em sentido amplo e também metafórico, reveladoras do mal-estar do sujeito na contemporaneidade. A própria noção de subjetividade poderia ser questionada na medida em que o indivíduo da modernidade, que procurava dotar a vida de sentido por meio da consolidação de suas estruturas sociais, as instituições do casamento, da família e das organizações coletivas, cede lugar a sujeitos flagrantemente mais indiferentes às relações afetivas e aos sentimentos humanos que sustentam as relações em sociedade. Lucia Fuks (2008) sugere que, nas relações interpessoais, a possibilidade de dialogar cede espaço à imagem. À palavra, acrescento: a linguagem, perde relevância como suporte do pensamento e da subjetividade. A autora fala, inclusive, em um *neonarcisismo* próprio de nossos tempos, no qual o culto aos corpos cuidados e uniformizados em um mesmo padrão de beleza teria se aprimorado.

Vale sublinhar: as manifestações psíquicas subjetivas respondem, na vida adulta, à impronta das marcas vividas pelo sujeito desde o nascimento e a infância. Contudo, a partir do momento em que algumas manifestações se travestem e parecem típicas de um dado momento histórico, o olhar do psicanalista deverá se voltar para o fato de que essa história se funda a partir dos primeiros relacionamentos com os pais em suas determinações também propriamente históricas. Portanto, é social desde a origem.

A diferença entre as manifestações contemporâneas de sofrimento e de adoecimento mental, como síndrome do pânico,

anorexia, bulimia e depressão, e a modelagem e a modelização dos corpos é que, no segundo caso, os sujeitos buscam encobrir a verdade, revestindo seus corpos com marcas propriamente reais. Submeter-se a uma cirurgia plástica de correção das pálpebras, por exemplo, não seria expressão de um sintoma patológico em si mesmo, mas, quando os sujeitos chegam a se deformar ou se mutilar, o exagero pode ser assim compreendido. Ele adverte e serve também como meio de esclarecimento sobre os modos de existência do sujeito contemporâneo, que faz da cruzada pela manutenção da beleza e pela *evitação* do envelhecimento a principal tarefa em torno da qual sua vida se reduziria.

Obviamente, o exame da relação entre o narcisismo e a pulsão de morte será fundamental, uma vez que a busca incessante do ideal anula a possibilidade de o sujeito viver plenamente sua dimensão desejante.



Clique aqui e:

Veja na loja

O tempo e os medos

A parábola das estátuas pensantes

Maria Silvia de Mesquita Bolguese

ISBN: 9788521211402

Páginas: 304

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2017
